

## **A MATERIALIDADE DO “HISTÓRICO DE ATLETA”: O MASCULINO NO DISCURSO BOLSONARISTA**

Heraldo Alcântara de Andrade<sup>1</sup>

### **Introdução**

Com o avanço e consolidação recentes do autoritarismo, grupos extremistas voltados à extrema-direita têm acessado o poder político-eleitoral ao redor do mundo. No Brasil, não foi diferente. A eleição de Jair Bolsonaro e da maioria dos representantes políticos em 2018 foi baseada em discursos autoritários. Essa utilização da linguagem, dentro de uma visão política por conter uma crítica ideológica ao que é diferente (Gadet, 2014, p. 09), remete frequentemente ao apego a valores do que é considerado socialmente como tradicional, como um ponto estático na sociedade.

Esses discursos, reproduzidos materialmente, fomentaram a escolha dos candidatos eleitos. Nota-se, doravante o chamado *neofascismo*, entre tantas características de cunho social, o culto à tradição como uma rejeição ao que surge como moderno (Eco, 2020, p. 44), especificamente no âmbito social. Não obstante, percebe-se nesses grupos a presença do apelo a uma manutenção de gênero, baseada na repetição estilizada do corpo inserida em uma estrutura rígida e reguladora de poder (Butler, 2016, p. 69).

Nesta apresentação, cabe analisar uma característica que chama a atenção no discurso neofascista: o uso de uma linguagem que remete à masculinidade hegemônica como panfleto partidário discursivo e como forma de manutenção do poder. Deste modo, tendo como objeto de análise o primeiro discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia de coronavírus, objetiva-se mostrar que é dentro do discurso, por meio de uma linguagem própria, que o sujeito se constrói dentro de uma formação discursiva caracterizada pela instância ideológica e histórica determinadas (Pêcheux, 1995, p. 213) e averiguar como que o gênero masculino se insere nesta construção discursiva, suas interpelações e quais são os efeitos de sentido provocados por esse discurso.

### **Objeto de Análise**

Em 2020, o mundo viveu os horrores advindos da pandemia do coronavírus, pandemia sem precedentes em tempos modernos, que ceifou a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo. Enquanto países, já no início daquele ano, se mobilizavam para conter o avanço da doença e evitar o número de mortes, o então presidente do Brasil minimizou a existência da pandemia e, após pressão social, em sua primeira transmissão televisiva a respeito da pandemia do coronavírus, realizada em 24 de março de 2020, responsabilizou a mídia e os governadores pelo caos econômico que as medidas restritivas – criadas para

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Aplicada (UFRJ) e doutorando em Estudos de Linguagem (UFF).

conter a circulação do vírus na sociedade - gerariam, termina o pronunciamento dizendo que ele não tinha preocupação em contrair a doença que já dizimava várias pessoas por ele “ter um histórico de atleta” e que ele “não precisaria se preocupar, nada sentiria, ou seria, quando muito, acometido por uma gripezinha ou um resfriadinho” (Breda, 2021, p. 41), o que evidencia o valor ao corpo masculino e sua importância imbatível frente às doenças e mazelas da saúde.

Este exemplo aponta a masculinidade hegemônica como uma característica discursiva bolsonarista, fundamentada na valorização da construção de um papel social masculino. Neste ponto, desenha-se o objeto de pesquisa a ser desenvolvido: o uso contínuo na esfera política de um discurso que refere-se a um padrão estático e socialmente aceito de masculinidade hegemônica.

### **Conceitos e Bases Metodológicas**

Cabe aqui, evidentemente, destacar o conceito de masculinidade hegemônica: segundo Connell & Messerschmidt (2005), é um conjunto de práticas padronizadas sociais e individuais masculinas, aceitas e estimuladas socialmente, que coloca esses homens acima de mulheres e de outros homens que não performam esse modelo de masculinidade, contando com suporte social, religioso, econômico, jurídico e institucional em sua dominação dentro de uma dada sociedade (Bourdieu, 2014).

É importante também pontuar a contribuição da Análise do Discurso no viés materialista. O pronunciamento presidencial, que ocorreu no plano da linguagem, em entrevista, discussão verbal e pronunciamento oficial, demonstra que é por meio da linguagem que se materializa a ideologia, pois a ideologia, como a língua, possui o discurso como seu lugar de trabalho (Orlandi, 2015, p. 36) e para Pêcheux (2014), a ligação entre discurso e política é estruturada pela ideologia.

Assim, pode-se entender a ideologia bolsonarista presente no pronunciamento à nação acerca da pandemia de covid-19 como permeada pela noção de interdiscurso, pois ao considerar a memória discursiva referente ao pronunciamento, emerge uma memória de papel de gênero e posicionamento político ideológico.

### **Análise**

Segundo Pêcheux, a linguagem é materializada na ideologia, que, por sua vez, se manifesta na linguagem. Deste modo, entende-se o discurso como um efeito de sentidos que está inserido na relação entre linguagem e ideologia, o que inscreve os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. A ideologia, para Orlandi (2022, p. 102), transforma o indivíduo em sujeito, e este é subjugado pela língua que, por sua vez, significa e significa-se através do simbólico ao longo da história.

A ideologia pode ser interpretada na análise pecheutiana por meio do interdiscurso, característica da terceira fase da Análise do Discurso, de acordo com o filósofo francês. Para este, o conceito de

interdiscurso é compreendido como memória discursiva, isto é, um conjunto de já-ditos que assegura o discurso feito. Os sujeitos no interdiscurso ligam-se a um saber discursivo que evidencia seus efeitos através do inconsciente e de suas ideologias, ou seja, fala-se uma ideia que já foi falada antes, em outro lugar.

Recuperando mais uma vez Butler (2016, p. 69), ao entendermos, segundo a filósofa estadunidense, que o gênero é uma repetição estilizada do corpo ao longo do tempo, altamente vigiada, e somando à ideia de masculinidade hegemônica de Connell & Messerschmidt (2005), é possível entender que o discurso bolsonarista, ao fazer jus a uma ideia de extrema-direita brasileira – misógina, classista, racista, lgbtqia+fóbica – remete a uma concepção ideológica própria daquele escopo político de que há um “nós” superior e à parte de um “eles” fraco, doente, capaz de adoecer e/ou morrer pela pandemia, tendo em vista a disputa ideológica a respeito da natureza daquela doença e seus efeitos sociais (doença de comunista / doença fabricada em laboratório pela China comunista para se apropriar do mundo / os comunistas querem acabar com a economia global / etc.).

Ao reaver as formações ideológicas relacionadas ao gênero e ao posicionamento político, a memória discursiva é definida pelo político inelegível: ele traz à tona um posicionamento marcado por um conjunto de dizeres – irreais – já falados anteriormente no âmbito social, que produzem efeitos de sentido: a ideia dos papéis de gênero, a inocuidade da covid-19 e a separação política.

## **Conclusão**

Para encerrar, nota-se que a condição de produção (relação entre sujeito, situação e memória) do pronunciamento presidencial analisado aponta para um claro posicionamento condizente com uma postura política relacionada à extrema-direita brasileira, que tem em Bolsonaro sua imagem central. A linguagem, inscrita na história, produz a discursividade, que é caracterizada pela constituição dos sujeitos, com suas posições e sentidos, inseridos e refletidos no discurso (Orlandi, 2017, p. 152).

Estabelecido na materialidade linguística, o interdiscurso calcado no pronunciamento remete a ideologias pertinentes ao posicionamento ideológico daquele político. Seu discurso, em comum a tantos outros personagens políticos atuais e antigos que enveredam pela extrema-direita nas mais variadas esferas da política, tem uma predileção pelas ações e habilidades físicas, como a violência, em desfavor da capacidade intelectual e afetiva (Piovezani; Gentile, 2020, p. 150). Em especial, chama a atenção a imagem de Bolsonaro neste aspecto populista, com a clara intenção de se identificar, física e discursivamente, com a massa.

Porém, seu intradiscurso, embasado na alteridade popular, marcado pela imagem simples, linguajar chulo e um discurso retrógrado, aponta para um “monopólio da obscenidade” (Villas Bôas, 2022, p. 43), de modo que lhe é permitido se comportar de maneira considerada inapropriada para um presidente da

república, mas de maneira própria para um homem que defende uma visão colocada como retrógrada e violenta na atualidade.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BREDA, Tadeu (org.). **Bolsonaro Genocida**. São Paulo: Elefante, 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, December 2005.
- ECO, Umberto. **Fascismo Eterno**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- GADET, Françoise. Prefácio. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. **A linguagem fascista**. São Paulo: Hedra, 2020.
- VILLAS BÔAS, Luciana. **A República de Chinelos**: Bolsonaro e o desmonte da representação. São Paulo: Editora 34, 2022.